



2015

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[09.04.2015](#) – Cerimónias do Dia Nacional do Combatente

[18.09.2015](#) – Inauguração do Complexo Social Nossa Senhora da Paz

[20.09.2015](#) – Agraciamento com o Colar de Honra ao Mérito Desportivo

[27.09.2015](#) – Corrida dos Combatentes pela Paz

[11.11.2015](#) – Cerimónia Comemorativa do 97.º Aniversário do Armistício da Grande Guerra, 41.º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar, 92.º Aniversário da Liga dos Combatentes e Evocação do Centenário da Grande Guerra

DIA NACIONAL DO COMBATENTE, NA BATALHA

9 de abril de 2015

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor General Pina Monteiro, CEMGFA

Pelo segundo ano consecutivo, sua Ex.^a o General CEMGFA dá-nos a honra de presidir a esta cerimónia do Dia do Combatente. Sabemos que tinha outras solicitações. Os Combatentes e a Liga dos Combatentes estão-lhe muito gratos pela sua presença e pelo apoio moral e material que as Forças Armadas vêm prestando às atividades da Liga dos combatentes.

Exmo. Senhor General António Ramalho Eanes, a sua estimulante presença na Batalha, no Dia do Combatente, respondendo afirmativamente ao nosso convite, honra os combatentes e dá a esta cerimónia a importância e o relevo que merece. Reconforta-nos termos connosco o combatente que Portugal inteiro respeita e admira.

Exma. Senhora SEADN Dra. Berta Cabral, mais uma vez representando o governo e o Ministério da Defesa Nacional em particular, está connosco num dos dias mais significativos das efemérides que anualmente evocamos. Junta-se igualmente a nós nas cerimónias que vão decorrer em Richebourg e La Couture na evocação da batalha de La Lys em honra dos que caíram e ali se encontram inumados. Muito obrigado pela sua significativa presença.

Exmo. Sr. General Chefe do Estado-maior da Força Aérea

Exmo. Sr. Almirante Chefe do Estado-maior da Armada

Exmo. Sr. General Vice-chefe do Estado-maior do Exército

A vossa presença conjugada com a presença do Exmo. Senhor General CEMGFA, reunindo as mais altas entidades responsáveis pelas Forças Armadas, testemunha, ao observador atento, um sentimento de unidade e comunhão de sentimentos de profundo reconhecimento para com os combatentes e evidencia o alto significado que atribuem a esta cerimónia. Um sentido obrigado dos combatentes aqui presentes.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha; Exmo. Senhor General Chefe da Casa Militar de Sua Ex.^a o Presidente da República; Exmo. Senhor General Chanceler das Antigas Ordens Militares; Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores-gerais; Exmo. Senhor Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança; Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Leiria; Exmo. Senhor Diretor do Mosteiro da Batalha; Exmo. Senhor Coronel Henriques; Exmos. Senhores Presidentes das Associações de Combatentes aqui presentes; Exmos. Senhores Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes; Militares em formatura e porta guiões da Liga dos Combatentes e Associações de Combatentes

Caros Combatentes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Continuamos no ano em curso a evocação do centenário da Primeira Guerra Mundial, a comemoração dos 70 anos do fim da II Guerra Mundial e os 40 anos do fim da guerra do ultramar.

Para os combatentes, cruzam-se, na evocação destas efemérides, vários sentimentos antagónicos que evidenciam a tristeza de partir para a guerra, o medo de fazer a guerra, a coragem de a enfrentar, o ódio de ter que a conhecer, a alegria de a ver terminada, a honra de nela ter participado, o cumprimento de um dever, enfim o sentimento desse dever cumprido e o dever moral de se organizarem para preservar os valores por que se bateram e apoiar aqueles para quem a vida foi madrasta.

Hoje é dia de soldados, heróis e santos.

Neste lugar onde a cavalo se ergue, em pé, São Nuno de Santa Maria, padroeiro da Liga dos Combatentes, evocamos e encarnamos nele todos os soldados, heróis e santos que alguma vez, de armas na mão, conheceram campos de batalha, na defesa dos verdadeiros e superiores interesses de Portugal.

Hoje não homenageamos um Homem, um Combatente, um Soldado, uma batalha.

Hoje reabilitamos e reavivamos a memória, homenageamos gerações, um povo e suas Forças Armadas.

E por isso, hoje, é também dia de soldados desconhecidos, de soldados anónimos, mortos, vivos ou prisioneiros.

Hoje é Dia do Combatente de S. Mamede a Kabul.

Por isso, nos apresentamos aqui, mais uma vez, às Forças Armadas e ao país, nós os vivos, antigos combatentes, como exemplo a ser seguido, de alguém que serviu e se honra de o ter feito e continua defendendo os mesmos valores que justificaram a sua presença nos conflitos em que tomou parte.

Porque hoje é dia de leitura e promoção da nossa história é importante darmos relevo à história recente que toca profundamente a nossa geração.

Por isso sublinhámos as guerras mundiais, a guerra do ultramar e as operações de manutenção e imposição da paz com todos os seus horrores e consequências.

Permitam-me que reafirme hoje o que recentemente disse aquando de uma homenagem ao capitão Homem Ribeiro, herói em Naulila há precisamente cem anos.

“Sabemos o que temos ganho e perdido ao longo da nossa história. Geograficamente, desfizeram-se impérios - o império da Índia, o Império do Brasil, o Império de África - mas não perdemos o Império da Alma.

Império este, constituído por milhões de portugueses espalhados pelo mundo e por Portugal que importa aglutinar, aprofundar espiritual, patriótica, cultural e economicamente, ligando-os organizadamente em rede, reforçando o nosso conceito de Pátria.

Desenvolvendo assim a nossas Forças Morais e Materiais, como fator do nosso Potencial Estratégico Nacional.

O século XX e o século XXI contribuíram para a evidência da necessidade desse Império da Alma português ser fator importante para a nosso comportamento e força, nos organismos internacionais como a ONU, a UE ou a CPLP.

Naulila, episódio da guerra em Angola, e a guerra em Moçambique a partir de 1914, bem como a guerra do Ultramar, para isso contribuíram.

Três constantes importa, em permanência, ter em consideração e evidenciar.

Em primeiro lugar, recordar que durante todo o século XX e XXI as nossas forças armadas empregues na grande guerra, na guerra do ultramar e nas operações de paz, nunca iniciaram as hostilidades nem invadiram nunca nenhum país, nem território.

Uma segunda constante evidencia que as nossas forças armadas foram sempre empregues longe da sua base de retaguarda, a milhares de Km de distância, num esforço hercúleo. Assim aconteceu na Grande Guerra, na Guerra do Ultramar e acontece hoje nas Operações de Manutenção da Paz.

São duas constantes históricas que prologam a nossa trajetória secular e acrescentam valor à nossa posição e figurino internacionais.

Finalmente uma terceira constante- o pessimismo, o derrotismo- que importa combater frontalmente com base na investigação e no estudo histórico e científico do fator militar, nos conflitos em que tomámos parte no século XX e XXI.

É frequente tratar a nossa participação militar na Grande Guerra, nomeadamente em La Lys, como uma grande derrota militar.

De Naulila, fala-se de “desastre” e de “tragédia”.

Da guerra do ultramar há quem afirme que perdemos a guerra.

Para além da comunhão de afetos num verdadeiro Império da Alma que importa desenvolver, há que, para o fortalecer, eliminar a tendência para evidenciar a leitura negativa dos factos, olhando sistematicamente para o negativo que surge para lá do monte e nunca para o positivo que se nos apresenta, quando olhamos para lá do horizonte.

Em La Lys, integrados no I Exército Inglês, sofremos com eles a rotura da frente perante uma ofensiva poderosa, contribuímos para que a retirada permitisse a continuação da batalha noutra frente e cinco meses depois desfilávamos em França celebrando a vitória daqueles com quem nos tínhamos aliado. Em termos de estratégia operacional e geral vencemos.

Em Naulila, depois de um primeiro êxito português em outubro, seguiram-se retaliações que culminaram com a confrontação em 18 de Dezembro, entre 8000 efetivos alemães e 2000 efetivos portugueses. Após o confronto de que resultaram 12 mortos e 30 feridos do lado alemão e 69 mortos e 76 feridos do lado português, ambas as forças retiraram ordenadamente, sem perseguição e da parte das forças alemãs foi enviado emissário apelando à paz. Nenhum dos lados de pode considera vencedor. A ação contribuiu decisivamente para que após reforços o general Pereira D’Eça pudesse restabelecer a ordem e as fronteiras que ainda hoje vigoram entre dois países independentes. Naulila não deve, pois, ser vista como uma tragédia ou um desastre, mas como uma contingência tática que contribuiu para uma vitória da estratégia operacional e geral, garantindo a manutenção das colónias por parte de Portugal.

Quanto à guerra do ultramar é bom que reafirmemos que as Forças Armadas, ressaltando a Índia portuguesa, nas condições conhecidas, não perderam a guerra, como por vezes se lê e houve.

É, pois, importante que neste momento em que se aprofunda e investiga a história destes acontecimentos bélicos, que se sublinhe e se desenvolva uma leitura positiva e abrangente em termos militares, abandonando de vez, a leitura catastrófica de episódios menos felizes em termos táticos mas que se valorizam se os enquadrarmos em termos estratégicos e mesmo políticos.

E só com esses olhos que podemos estar aqui valorizando os feitos do soldado português.

É essa leitura positiva dos feitos de então que nos enche de orgulho e honra, ainda que mesmo nessa leitura positiva dos factos a morte enlute os nossos corações. Faço votos por que, dentro de décadas, as gerações de hoje, tenham o mesmo posicionamento de respeito, orgulho e apreço para com os militares que fizeram a guerra do ultramar, que nós, que a fizemos, temos para com aqueles que caíram na Grande Guerra.”

Permitam-me que cite três presidentes da República quando neste dia aqui estiveram por motivos idênticos aos de hoje.

Dizia o Presidente Jorge Sampaio: - Homenageamos assim todos os militares que ao longo dos séculos, caíram por Portugal, ao serviço da perenidade da Pátria. É esta a forma de os lembrarmos, os honrarmos, de reiterarmos a nossa confiança no nosso desígnio nacional e de ao mesmo tempo motivarmos a juventude portuguesa para servir o país também nas fileiras das Forças Armadas, de que todos legitimamente nos devemos orgulhar.” E mais adiante “Esta homenagem da República deixa claro que a perenidade de Portugal está intimamente associada aos milhares dos seus soldados que morreram em combate. Não há grandeza maior do que a daqueles que morreram sem se quererem heróis.”

E dizia o General António Ramalho Eanes na sala do capítulo “Creio que Eles esses combatentes-heróis- e a Pátria, também, nos aconselham, se é que não nos exigem, mesmo, que honremos o seu exemplo e memória para que, não sem emoção profunda, mas reflexivamente também, olhemos todos nós portugueses, o exemplo que nos legaram como estímulo ativo para uma responsabilidade social mais operatória”.

E finalmente o Presidente Cavaco Silva presidindo a esta mesma cerimónia afirmou: “A responsabilidade de enviar militares para a guerra implica que se lhes proporcione as melhores condições para o sucesso. Impõe-se uma unidade de esforço na ação política e uma retaguarda militar sólida, sem as quais o emprego das Forças Armadas, não é eficaz nem democraticamente aceitável.

La Lys foi um testemunho sublime e pungente de determinação e coragem de militares que, praticamente esquecidos nos lamaçais das trincheiras da Flandres escolheram honrar Portugal naquele que foi um dos mais dramáticos hinos à capacidade de sofrimento e de amor à Pátria do soldado português”. (fim de citações)

Enfim os combatentes afirmam-se perante a Nação e os Presidentes da República têm estado presentes a seu lado.

Só assim fará algum sentido o sacrifício de tantos combatentes que nos precederam e que hoje aqui homenageamos.

Homenagem em que a simbólica coroa de flores e o ressonante toque de clarim materializam profundamente. Terminei, pois, com um poema que intitulei:

DA FLOR E DA MÚSICA

*Os que encontram na flor
Meigo incentivo e calor
Aos que na guerra caíram
E a Pátria não traíram,
São quem busca na música
Verdadeira força telúrica
Capaz de dar ao clarim
O sentimento triste de um fim
Seguido de esperança clareada
Pelo toque alegre da alvorada.*

*Os que vivos cantam a glória
E dos mortos conservam a memória
Não esquecem que de arma na mão
Defenderam de alma e coração,
Os valores, as gentes e os avós
Que o mesmo fizeram antes de nós.
E se Portugal quiser continuar a ter
Homens iguais aos que a História deixa ver
Deem à flor e à música, o significado
Que o combatente dá ao seu país amado.*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO COMPLEXO SOCIAL NOSSA SENHORA DA PAZ (PORTO)

18 de setembro de 2016

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional Dr. Aguiar Branco

Agradeço a V.^a Ex.^a dignar-se presidir a esta cerimónia de grande interesse e importância para a nossa instituição, no âmbito da solidariedade e do apoio mútuo.

Minhas senhoras e meus senhores
Combatentes

Hoje, não é só um dia feliz, é um dia verdadeiramente histórico para a Liga dos Combatentes. Pela primeira vez na sua história, a Liga dos Combatentes colocará à disposição dos seus membros, duas infraestruturas de apoio à idade de ouro. Os combatentes e suas famílias terão uma Residência sénior no Porto e outra em Estremoz. Os seus netos um Jardim-de-infância e uma creche num espaço verde e privilegiado do centro do Porto. Iniciamos esse facto histórico hoje, no Porto.

Permitam-me que sintetize a minha intervenção referindo que dedicarei uma palavra ao passado. Duas palavras ao presente. Três palavras ao futuro. A palavra sobre o passado leva-nos às nossas origens como instituição, para afirmar perante a memória dos nossos antepassados da Junta Patriótica do Norte, a reafirmação do respeito do compromisso então assumido ao receber das suas mãos o Lar dos Filhos dos Soldados, em 6 de abril de 1937.

Gostaria de sublinhar que a primeira Sede da Junta Patriótica do Norte foi na Câmara Municipal do Porto, onde em Assembleia Geral de 8 de maio de 1916, um movimento patriótico que a própria Câmara impulsionou, deu origem aos princípios e objetivos da Junta que a Liga dos Combatentes viria a incorporar.

São a origem e os serviços prestados que sempre justificaram os subsídios com que então a Câmara Municipal apoiou o Lar, bem como a “inesgotável benemerência dos portuenses”.

A Junta Patriótica do Norte, instituição nascida há precisamente 99 anos, diria então no momento da cedência do Lar dos Filhos dos Soldados à LCGG: Que a LCGG transforme esta herança espiritual na sua aspiração máxima e que a Casa dos Filhos dos Soldados se não extinga, mas se perpetue na gratidão portuense e com os defensores da Pátria, em uma obra de Assistência Social.

É precisamente esse compromisso que hoje sentimos estarmos a respeitar e aprofundar. E estamos extraordinariamente felizes por termos conseguido fazê-lo. Há 78 Anos que a Liga dos Combatentes vem cumprindo este desígnio, esta obrigação moral, este serviço prestado ao país, este compromisso histórico e secular.

Hoje restauramos e continuamos os objetivos das nossas mais profundas origens. Inauguramos um complexo social composto por uma residência para seniores, um jardim-de-infância e uma creche. Um complexo verdadeiramente inter-geracional, num espaço único no centro da cidade.

Honramos a memória dos nossos antepassados e viramo-nos para o futuro: vitalizar o testemunho perpétuo de gratidão para com os que nos precederam, inaugurando este complexo e garantindo a continuidade da sua e nossa obra assistencial, aos cidadãos de Portugal a quem foi exigido o cumprimento do último dever para com a sua Pátria e o cumpriram, defendendo-a.

Como dizia Miguel Torga, Pátria é um pedaço de terra defendido. E nós combatentes sabemos que há diversas formas de defendê-la. É esse objetivo patriótico e humanitário que nos move.

Minhas senhoras e Meus Senhores

O que ontem era para muitos, utópico, objetivo inatingível e que estaria para além das nossas capacidades e possibilidades, é hoje uma realidade. A primeira palavra sobre o presente é assim, de afirmação e de orgulho, por aqui termos chegado.

Hoje inauguramos o complexo social Nossa Senhora da Paz no Porto. No próximo mês a Residência S. Nuno de Santa Maria em Estremoz. Dez anos nos separam do momento de partida, em busca de melhores condições de vida para os combatentes e famílias, deficientes ou não deficientes, mas necessitados de apoio e carinho. Não importa salientar incompreensões, dúvidas e lutas para aqui chegarmos? Mas importa referir que ao depararmos com uma situação deficitária do Lar dos Filhos dos Combatentes que rondava os 100 mil euros anuais, com infraestruturas degradadas, havia que encontrar uma solução dentro dos objetivos estatutários da Liga dos Combatentes. E isso foi conseguido. Chegamos de cabeça levantada, com satisfação e orgulho de termos vencido esta maratona.

Hoje juntos com quem nos últimos quatro anos nos tem apoiado, o senhor Ministro da Defesa Nacional Dr. Aguiar Branco e a senhora Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional Dra. Berta Cabral.

Agradecemos neles o seu apoio dado e o de todos os que lhes antecederam, nomeadamente do Senhor Eng.º Braga Lino, Secretário de Estado que antecedeu a Senhora SEADN, e que em 2012 inaugurou a Creche que integra este complexo.

Sublinho igualmente o apoio aplicado no Jardim-de-infância, dos generais chefes, do então Gen. CEMGFA Evangelista Esteves Araújo, do então CEME General Pina Monteiro, Almirante CEMA Saldanha Lopes, do CEMFA General José Pinheiro, bem com o do general Jerónimo, CEME.

Obrigados a abrir um programa de apoio que denominámos “Um euro um Lar” aqui estamos a agradecer a todos os que aberta ou anonimamente ajudaram a Liga dos Combatentes neste verdadeiro combate pela solidariedade e apoio mútuo.

Como Presidente da Liga dos Combatentes quero agradecer a todos os que direta ou indiretamente nos ajudaram e garantiram que não ficassemos pelo caminho.

Houve que ao longo destes últimos dez anos que reunir cerca de 1 milhão e 500 mil euros para a residência N.ª senhora da Paz, 400 mil euros para a Creche e 200 mil euros para ao Jardim-de-infância.

Criámos 23 postos de trabalho no Porto e 30 em Estremoz. Por isso repito, é um dia importante e histórico para esta secular instituição.

A segunda palavra sobre o presente vai para a exaltação do trabalho de todos os elementos da Direção Central, com evidência para o Arq. Varandas coordenador do programa, e para toda a Direção do Lar dos Filhos dos Combatentes, com evidência para o seu diretor Coronel Barbosa Pinto por serem intérpretes fidedignos das orientações recebidas e coordenadores de um trabalho de equipa que finalmente chega à fase de podermos apoiar quem precisa.

É importante referir e agradecer o apoio do atual Senhor Presidente da Câmara do Porto Dr. Rui Moreira e a sua compreensão da missão da Liga dos Combatentes.

Como já afirmei, pela primeira vez na sua história a Liga dos Combatentes irá estar em condições, com o complexo social do Porto e a residência de Estremoz, de apoiar combatentes idosos e famílias e seus descendentes, havendo 103 lugares disponíveis. E isto leva-nos a falar do futuro.

A primeira palavra é para afirmar que se até aqui necessitávamos de ajudas. A partir de hoje elas são indispensáveis para garantir o real apoio aos que precisam. Não podemos encontrar-nos a dizer não, a alguém que nos procure, nos momentos mais difíceis de suas vidas.

A segunda palavra leva-nos a reconhecer que isso exige apoios da segurança social, da defesa nacional, da saúde e da própria Liga dos Combatentes, a fim de aprofundar as possibilidades de apoio social e à saúde dos seus membros com sustentabilidade.

Partimos no início, para esta fase da nossa vida, com a perspetiva de apoio total por parte da segurança social, aos nossos utentes.

Hoje encontramos-nos ainda sem qualquer apoio para o Porto e em Estremoz para as 73 vagas apenas 25 utentes terão apoio da Segurança Social. Temos grande esperança de poder reverter esta situação.

A minha terceira palavra sobre o futuro dirige-se à necessidade de acompanhamento e tratamento dos nossos deficientes sociais, dos nossos deficientes de saúde física e mental, nomeadamente os que sofrem de PTSD e outras graves doenças mentais, a quem tem que ser garantida atenção e carinho e a eles devendo ser aplicados os conceitos de apoio aos deficientes, já existentes e em curso no Ministério da Defesa Nacional.

Neste âmbito, acabamos de ter o reconhecimento internacional com a atribuição pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes (FMAC), do *Rehabilitation Prize*. É fundamental que alcancemos reconhecimento semelhante a nível nacional que permita melhorar os recursos disponíveis neste Programa Estratégico.

Neste âmbito a Liga dos Combatentes deverá ser considerada, sob tutela do Ministério da Defesa Nacional, como a verdadeira misericórdia dos combatentes. Esta, uma luta que a Liga dos Combatentes vai passar a ter que travar em permanência a fim de garantir a dignidade, a qualidade do apoio e a sustentabilidade indispensáveis das infraestruturas agora criadas, em benefício geral do país e direto dos seus associados.

Ao referirmos esta missão estatutária de estarmos ao serviço do país e reconhecendo o problema da emigração que afeta a Europa. Quero afirmar que a Liga dos Combatentes está disponível para receber um casal de refugiados, afetado pela guerra, com filhos que possam frequentar a nossa creche e infantário, se tal for entendido pelo governo e concedidos os apoios necessários. Ganharão aqui o seu sustento e os seus filhos aqui poderão ser educados.

Repomos a história, cumprimos um compromisso e satisfazemos necessidades de combatentes, famílias e membros da Liga.

O Porto honrará certamente a sua tradição solidária e humanitária. O estado não nos abandonará nas suas prioridades de apoio solidário e humanitário.

Do Senhor Ministro da Defesa Nacional e da Senhora SEADN esperamos a continuação do seu apoio, para podermos iniciar, com êxito, esta nova fase da nossa vida.

Como terá escrito o Padre António Vieira “fazemos o que devemos, a Pátria o que é costume”.

É verdade que temos o sentimento de estarmos a fazer o que devemos.
Da Pátria acreditamos e esperamos que faça mais do que é costume.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

AGRACIAMENTO COM O COLAR DE HONRA AO MÉRITO DESPORTIVO PELO SECRETÁRIO DE ESTADO DO DESPORTO E JUVENTUDE DR. EMÍDIO GUERREIRO

20 de setembro de 2015

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Secretário de Estado do Desporto e Juventude, Dr. Emídio Guerreiro. Há momentos na vida que sendo de simples reconhecimento e recompensa, têm um alto significado em termos pessoais. Se acontecem eles equilibram o esforço, o trabalho e a dedicação de uma vida inteira, sistematicamente pesando num dos pratos da balança, sem qualquer outra compensação que não seja o trabalho e o entusiasmo em proveito do bem comum. Neste caso, em proveito do desporto, nomeadamente da esgrima em particular. Uma vida inteira, como atleta e como dirigente. Mais de 60 anos.

Hoje, este simples gesto, mas de elevada distinção humana e significado, por representar o mais alto galardão desportivo do país, é para mim uma honra recebe-lo e vem equilibrar uma balança da vida que eu sentia no meu interior, desequilibrada. Senhor SE Dr. Emídio Guerreiro. A decisão que tomou toca-me profundamente e estou por isso agradecido ao Governo que representa por esta distinção que me conferiu. É raro haver decisões sem que sejam fundamentadas em sustentadas e aprofundadas propostas. Por isso estou igualmente grato à Federação Portuguesa de Esgrima na pessoa do seu Presidente Frederico Valarinho e sua Direção, bem como a quem no staff de V. Ex^a apoiou tal proposta. Seria maçador se aqui recordasse hoje todos os momentos marcantes da minha vida desportiva, quer como atleta quer como dirigente. Dediquei-me com algum entusiasmo e profundidade a duas modalidades: o Voleibol e a Esgrima. Deixando a determinada altura a primeira e apaixonando-me pela segunda.

A primeira vez que conheci Lisboa aos treze anos de idade fi-lo integrado numa equipa de voleibol da mocidade portuguesa, pelo Liceu de Portalegre, que no Colégio S. João de Deus disputámos o campeonato nacional da modalidade. Já militar, alferes da EPI pertenci à equipa campeão do Exército durante três anos consecutivos e, mais tarde, pertenci à Equipa do Exército que se tornou campeã das Forças Armadas. Viria mesmo a atuar pela Divisão de Honra pela equipa do CDUL. Mas foi a Esgrima que desde a Academia Militar, então Escola do Exército me fascinou e me traria as melhores recordações e êxitos em termos desportivos. Só aos 18 anos iniciei a sua prática. Mas viria a ser atleta, mestre de armas, na Academia Militar, Presidente do Conselho Técnico da Federação, Presidente de Júri, Presidente da Federação Portuguesa de Esgrima, Presidente da Assembleia Geral, seu representante no COP e na Federação Internacional de Esgrima e 1º Presidente da Confederação Europeia de Esgrima. Representando a Esgrima seria ainda, o proponente e membro fundador da Associação de Atletas Olímpicos de Portugal. Representei como atleta as salas de armas da Academia Militar, EPI e CDUL.

Para além de vitórias em diversas provas às três armas, sendo mesmo campeão militar na Prova de Mestres às três armas, foi no sabre que conheci os maiores êxitos. Ser campeão nacional, mais que uma luz a nível militar, universitário e civil são momentos inesquecíveis aos quais se junta o sentimento profundo e inesquecível de representar a modalidade e o país nos Jogos Olímpicos (Roma). Como Dirigente, como Presidente da FPE, reconheço ter tirado a modalidade de um marasmo de décadas. Recordo-me de ter colocado a Esgrima nos Jogos Olímpicos depois de 16 anos de ausência, donde não mais saiu enquanto fui Presidente. De ter realizado um campeonato da Europa em Lisboa, 40 anos depois da última prova internacional aqui disputada. De ter conseguido conquistar lugares na FIE em várias comissões. De ter trazido para Portugal várias

Provas de categoria A, o que nunca tinha acontecido. De ter realizado um Campeonato do Mundo de cadetes em Portugal. Enfim de me emocionar ao ver em Lausanne o grande floretista João Gomes ter conquistado a primeira medalha de Bronze numa prova do ranking mundial facto inédito na História da Esgrima após Amesterdão. A primeira a que várias se seguiram. Enfim, já como Presidente da União Europeia assisti na Madeira à conquista do campeonato da Europa de Florete, por Equipas. Depois viria o Reconhecimento da FIE e do COP.

Estavam decorridos alguns anos sobre o dia em que havia reunido a Direção da FPE e o Conselho Técnico, no último andar de um prédio, no Campo Pequeno, constituído por uma pequena sala e uma cozinha. Conseguimos depois uma bela sede com sala de armas, o que permitiu trabalhar de forma mais digna e eficiente. Não quero deixar de neste momento lembrar alguns dos que comigo lutaram e trabalharam para que a Esgrima ressurgisse e são por isso detentores de parte deste Colar de Honra ao Mérito Desportivo. Alguns já nos deixaram: Santa Bárbara, Amado Fernandes, na Direção, Pinto Ferreira, Azinhais, D'Argent companheiros da Equipa Olímpica. Ainda conosco Cor. Pimenta, Estorminho, Valarinho, Miguel, Fonseca Santos, Américo Ferreira, Eugénio Roque e tantos outros. Não posso deixar de me referir aos meus Mestres. Recordo o primeiro, na então Escola do Exército, Capitão Bentes, que ao dar-me as primeiras lições me proferiu o seguinte comentário: "Tens jeito para isto pá". Ao contrário do que aconteceu com outros camaradas, que um toque mais forte do Mestre os desmotivou. Eu tive a sorte de ter sido incentivado.

Mais tarde o então Cap. Sardinha, depois o Mestre Pimentel colocaram-me a um nível superior, sem esquecer o então Cap. hoje Major General Marquilhas, orientador do Curso de Esgrima que frequentei no CMEFED em Mafra e onde obtive o 1º lugar do Curso. Interessantíssimos episódios vos poderia aqui contar mas, embora fosse muito interessante para os esgrimistas de hoje, não seria o momento apropriado para o fazer.

Ultimamente, quero agradecer a deferência que a Esgrima Militar teve para comigo aos atribuir o meu nome a uma prova do Exército. Igualmente à FPE por ter recentemente feito o mesmo, o que muito me sensibilizou.

Senhor Secretário de Estado com os esgrimistas de hoje e alguns amigos e a minha família mais próxima, filhos e netos agradeço mais uma vez, sensibilizado esta Honra superior com que me distinguiu. Ao contrário do que muitas vezes acontece, antes agora, do que a título póstumo.

É uma honra muito grande aceitar esta superior distinção.
MUITO OBRIGADO

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

CORRIDA DOS COMBATENTES PELA PAZ

27 de setembro de 2015

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Pelo sétimo ano consecutivo a ADFA e Liga dos Combatentes organizaram a corrida e a Marcha dos Combatentes pela Paz com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa. No ano em curso, para além do Montepio juntaram-se a nós a Bimbo e através dela a Global Energy. Este evento desportivo tem para nós combatentes um significado muito especial.

Somos Combatentes. Tivemos em momentos das nossas vidas que pegar em armas para fazer a guerra. Mas procurámos fazê-la o mais humanamente possível na procura permanente da Paz. É esse objetivo que nos levou, através deste evento desportivo, a dar visibilidade à necessidade de Paz, em Portugal e no Mundo.

No dia internacional da Paz decretado pela ONU e na sequência da orientação dada pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes, mais uma vez marchámos e corremos pela Paz. Sim, os Combatentes não marcham só pela paz. Os Combatentes correm pela Paz.

Este nosso evento é de facto a “Corrida de Lisboa e dos Combatentes pela Paz”, assim como a “Marcha dos Combatentes pela Paz”. Esperamos que em eventos futuros isso seja ainda mais visível.

A adesão no ano em curso de muitos mais atletas de todas as idades, masculinos e femininos e jovens de todas as idades é para nós a certeza de que estamos no bom caminho, mas deve também servir para transmitir aos participantes que, ao fazê-lo, estão a homenagear os combatentes a quem foi exigido bater-se pelo país e o fizeram com a própria vida. Que seja uma lição para a juventude.

É importante ter a noção de que esta nossa corrida teve início junto ao Monumento aos Combatentes da Grande Guerra na Avenida da Liberdade e terminou junto ao Monumento aos Combatentes da Guerra do Ultramar no Forte do Bom Sucesso, em Belém onde começou e terminou a Marcha.

A conceção desta corrida não pode por isso ser deturpada, antes pelo contrário, deverá ser evidenciado pelos apoiantes que se nos juntarem em anos futuros, como um Hino dos Combatentes à Vida e à Paz. Congratulamo-nos pelo nível de adesão conseguido no ano em curso e pela muito boa organização da mesma.

A Homenagem que, evocando o Dia Internacional da Paz, fazemos como sempre tem acontecido, tem duas fases:

- A primeira fase a Marcha e a Corrida dos Combatentes pela Paz e de todos os que a nós se desejaram juntar, como disse, como um hino à vida e à esperança de um futuro em paz para todos.
- Uma segunda fase em que junto ao Monumento os Combatentes da Guerra do Ultramar a Liga dos Combatentes e a ADFA colocarão uma coroa de flores em Homenagem aos Soldados de Portugal mortos pela Pátria.

Termino, reafirmando o profundo entendimento entre a ADFA, na pessoa do Senhor Comendador Arruda, e a Liga dos Combatentes no sentido de continuarmos a luta pela dignidade dos Combatentes vivos e pela promoção da Honra e profunda e eterna admiração pelos combatentes mortos. Permitam-me que termine com o grito da Liga dos Combatentes:

*Liga dos Combatentes?
Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes?
Em todas as Frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO 97.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 41.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR, 92.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E EVOCAÇÃO DO CENTENÁRIO DA GRANDE GUERRA

11 de novembro de 2015

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Hoje não será um dia qualquer.

Hoje será um dia em que o Tempo o fará reviver.

Para além de um dia solene, será um dia perene.

Uma certeza retirada das incertezas.

Quantas vezes, no campo de batalha, a incerteza nos fez duvidar do apoio da retaguarda?

Quantas vezes foi sentindo o apoio dos “companheiros do lado” que vencemos a solidão e o medo?

Hoje, que trazemos até nós o símbolo real de uma dádiva total. Que trazemos e colocamos em altar, os restos mortais de um soldado de Portugal caído na guerra do ultramar, trazido agora da Guiné, ao contrário do que aconteceu no século passado, em cerimónia idêntica de Lisboa a caminho do Mosteiro da Batalha, não temos connosco, em cortejo, como então, os mais altos responsáveis dos órgãos de soberania de Portugal.

Mas não nos sentimos sós, nem sentimos o medo que por vezes dominámos no campo da batalha, porque mais uma vez sentimos o apoio dos companheiros do lado, para em conjunto continuarmos a honrar a memória dos combatentes que caíram e a lutar pela dignidade dos que vivem.

Exmo. Senhor General António Ramalho Eanes – A sua presença institucional e amiga é uma honra, um exemplo e um estímulo para todos os antigos e atuais combatentes por Portugal. O nosso profundo reconhecimento por ser um dos nossos “companheiros de lado”.

Muito obrigado senhor Ministro da Defesa Nacional Dr. José Pedro Aguiar Branco, por nas circunstâncias políticas que vivemos se ter dignado estar connosco, presidindo a esta cerimónia, minimizando ausências que gostaríamos de ver hoje neste significativo ato de homenagem nacional ao combatente caído no ultramar.

Permita-me que saliente o trato cordial e apoio concedido à Liga dos Combatentes durante todo o seu mandato como Ministro da Defesa Nacional.

Exma. Senhora Dra. Mónica Sofia do Amaral Pinto Ferro permita-me que agradeça a sua honrosa presença neste momento da vida política nacional e a felicite pela decisão de estar hoje connosco.

Muito obrigado a ambos por se terem dignado acompanhar-nos como “companheiros do lado”.

Muito obrigado Exmo. Senhor General CEMGFA, Gen. Artur Pina Monteiro, por ser um dos nossos companheiros do lado.

Muito obrigado, Exmo. Senhor General CEMFA, General José Pinheiro, Almirante CEMA, Almirante Luís Fragoso, General CEME, General Carlos Jerónimo, por serem e representarem aqui, os companheiros do lado.

Muito obrigado a todos os que com a sua presença nos fazem acreditar que vale a pena lutar pela preservação dos valores, conservação da memória, e prática da solidariedade.

Excelência Reverendíssima Senhor Bispo das Forças Armadas e de Segurança D. Manuel Linda.

O nosso profundo agradecimento por se ter dignado presidir a cerimónia religiosa, não obstante os seus compromissos com a Conferência Episcopal Portuguesa e ter aceitado proferir uma intervenção alusiva a este significativo momento e proceder à bênção da Capela do Combatente e do Memorial ao Combatente

Exmos. Senhores

General Chefe da Casa militar de S. Exa. o Presidente da República

General Chanceler das antigas ordens militares

Presidente da União de Freguesias de Belém

Presidente da Comissão do Centenário da GG

Senhores Generais, Almirantes e Diretores Gerais

Excelentíssimo D. Duarte Nuno

Excelentíssimas entidades autoridades civis, militares e religiosas

Exmos. membros do Conselho Supremo e da DC da Liga dos Combatentes

Exmos. Senhores Adidos militares e de Defesa de países amigos

Exmos. representantes da British Legion e da Souvenir Française

Presidentes das Associações de Combatentes

Presidentes dos Núcleos da LC

Ilustres entidades Civis, Militares e Religiosas

Minhas senhoras e meus Senhores

Membros da Comunicação Social

Caros Combatentes

Uma vez mais nos reunimos com o objetivo de evocar a memória, preservar o nosso património imaterial e cultural, honrar e homenagear os combatentes mortos e os combatentes vivos, enfim, sublinhar e evocar o fim das guerras a que as últimas gerações foram e tem estado sujeitas, em duas palavras, preservar e promover a Paz.

As efemérides que hoje evidenciamos têm esse carácter e substância: o armistício e o centenário da Grande Guerra, o fim da guerra do Ultramar e o nascer de uma instituição humanitária e patriótica que até hoje e sistematicamente, vêm defendendo a promoção dos valores supremos do país e a prática da solidariedade.

Nada pode ser feito isoladamente. Por isso, temos em permanência defendido os princípios da abertura, da utilidade, da visibilidade e da credibilidade. A experiência diz-nos que quem pode, por vezes não nos compreende, porque efetivamente não nos conhece e ignora os nossos objetivos e o nosso trabalho. Mas temos a satisfação de reconhecer, que o Portugal profundo, está connosco e recebemos dele o incentivo para ter esperança e acreditar no futuro perene.

Para além do apoio indispensável que vimos recebendo da tutela, quero agradecer ao Exmo. Senhor General CEMGFA, General Pina Monteiro e ao General CEME, General Carlos Jerónimo, o apoio inestimável com que se dignaram apoiar a Liga dos Combatentes, ajudando assim o

cumprimento da sua difícil, complexa e dispendiosa missão. Igualmente uma palavra de muito apreço para todos os que, anónimos ou não, vêm contribuindo para o programa “Um Euro Um Lar” ajudando assim a construção e funcionamento das residências do Porto e de Estremoz. O nosso reconhecimento aos que dedicam a Liga dos Combatentes a sua participação do IRS que se vem revelando ser um elemento com importância no nosso orçamento.

Esperamos sinceramente, no próximo ano, poder alargar os nossos agradecimentos a outras entidades civis e militares. Gostaria de salientar ainda o inestimável apoio do Comando de Logística do Exército através das suas áreas de material de engenharia e infraestruturas na recuperação de material exposto e na pintura exterior do Forte, bem como do Comando da Força Aérea.

O ano de 2015 tem sido marcante em acontecimentos que nos enriquecem como instituição e nos enchem de regozijo.

No âmbito do programa estratégico e estruturante Liga Solidária, inauguramos no Porto o Complexo Social Nossa Senhora da Paz, com uma residência para a idade de ouro, um infantário e uma creche, para 30 utentes em cada uma das valências e a criação de 23 postos de trabalho. Inauguraremos brevemente a Residência S. Nuno de Santa Maria, em Estremoz, para 73 utentes e a criação de 30 postos de trabalho.

Estes factos permitem oferecer pela primeira vez na história da Liga dos Combatentes, a possibilidade de apoio a combatentes e famílias idosos.

De momento temos que garantir o digno funcionamento das duas infraestruturas agora disponibilizadas. É uma honra e uma satisfação poder ter chegado aqui. Acreditámos. Lutámos. Aos que permitiram e contribuíram para que tal acontecesse o nosso profundo agradecimento sem esquecer as Direções do Núcleo de Estremoz e do Lar dos Filhos dos Combatentes no Porto.

No âmbito do programa cuidados de saúde, tivemos a satisfação de ver reconhecido o trabalho que há oito anos a esta parte vimos desenvolvendo no CEAMPS e nos CAMPS, com a atribuição do prémio *Rehabilitation Prize* pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes. A todos os dirigentes e técnicos, psiquiatras, psicólogos, médicos e enfermeiros que permitiram este reconhecimento internacional, o nosso muito obrigado.

É fundamental, que a nível interno esse trabalho seja também reconhecido e possamos receber os apoios adequados às necessidades dos combatentes e famílias, deficientes sociais, deficientes físicos e deficientes mentais que apoiamos através deste programa. Gostaria de assinalar igualmente o prémio com que foi distinguido o Núcleo de Mirandela a nível Nacional, pelo Instituto Nacional de Dadores de Sangue, pelo excelente trabalho desenvolvido neste âmbito.

Somos uma associação mista de gente saudável e de muita gente deficiente. Isso é por vezes esquecido por quem nos apoia ou nos pode apoiar.

No âmbito do Programa Cultura Cidadania e Espírito de Defesa, materializámos a nossa verdadeira identidade como instituição plural de preservação do património cultural do país. Quer através do apoio à construção e manutenção de todos os monumentos de homenagem aos combatentes, verdadeiro património cultural de interesse nacional, quer através do apoio à construção e manutenção de áreas cemiteriais e ossários para os combatentes que igualmente constitui um

vasto património de interesse cultural nacional, quer através dos seus núcleos museológicos que integram o museu da Liga dos Combatentes de que destacamos os museus da Batalha, do Núcleo do Porto, de Coimbra, Viseu, Estremoz, sede da Liga e o Museu do Combatente que temos em nossa frente, integrando o Monumento aos Combatentes do Ultramar.

Monumento que, pelo trabalho de divulgação no ano em curso, gerou opiniões expressas por quem nos visita, obtendo o prémio de excelência TripAdvisor 2015. Recompensa do trabalho árduo e dedicado de todos os que garantem a sua manutenção e dignificação, salientando o trabalho da área de marketing e comunicação.

O reconhecimento da ação da Liga dos Combatentes nos mais variados sectores de atividade, por entidades externas, é uma realidade que nos honra, nos incentiva e sinceramente nos enche de orgulho e satisfação.

Hoje, este programa de Cultura, Cidadania e Espírito de defesa, e este espaço, vêm-se enriquecidos na sua finalidade de homenagem aos que caíram e suas famílias com a inauguração de um espaço de reflexão que designámos por Capela do Combatente e um Memorial ao Combatente.

Ao recuperarmos um pequeno espaço degradado de dois por nove metros que servia de apoio à manutenção do lago do monumento, foi possível materializar uma ideia que garantiu, para além de um lugar de meditação e recolha dos que aqui nos visitam, edificar um memorial onde restarão os restos mortais de um soldado de Portugal, caído na guerra do Ultramar.

Aos que deram forma à nossa conceção, os nossos sócios, Arquiteto Varandas dos Santos, Eng.º Miguel Chito Rodrigues e Eng.º Esquível os nossos profundos agradecimentos.

Agradecimentos extensíveis a quem nos apoiou, permitindo-me destacar sua Exa Reverendíssima o Bispo de Leiria, Dr. António Marto e o Exmo. Senhor Reitor do Santuário de Fátima, Professor Dr. Carlos Cabecinhas.

Recordamos que com estas últimas entidades, a Liga dos Combatentes participou numa grandiosa exposição levada a efeito pelo Santuário de Fátima, com elementos do seu património cultural, de que se destacou a imagem do Cristo das Trincheiras que acaba de regressar à Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha, após um ano de ter estado integrado naquela significativa e importante exposição, evocativa do centenário das aparições em Fátima, num momento em que igualmente evocamos o Centenário da Grande Guerra.

Ainda no âmbito do Programa Cultura Cidadania e Defesa, saliento as múltiplas exposições e conferências feitas pela Liga dos Combatentes e seus Núcleos na evocação do Centenário da GG, bem como a continuação da Tertúlia Fim do Império que realizou já 124 conferências e publicou 21 obras literárias, focando a guerra do ultramar nos seus mais variados aspetos políticos, militares e culturais.

No ano em curso continuou o nosso Programa conservação das Memórias, com a sétima operação levada a efeito em Moçambique com a ação direta do Major-general Aguda e Tenente-coronel Diogo. Mais duas dezenas de restos mortais retirados de lugares sem dignidade, foram levantados e colocados no ossário para tal construído em Nampula.

Permitam que saliente a recuperação de um lugar simbólico para os combatentes que se bateram em Moçambique e para os combatentes em Geral.

Encontra-se completamente recuperado com a dignidade que merece, o cemitério de Mueda, com 109 campas. Lugar de memória. Lugar de sacrifício. Lugar que ombreia hoje com o cemitério daqueles com quem ali nos batemos. Lugar que importa manter digno. Que importa manter como Lugar de história.

Na sequência do esforço desenvolvido, foi igualmente possível no âmbito deste programa estabelecermos finalmente ligação com as entidades responsáveis de Angola, tendo sido assinada uma carta de intenções que estabelece as linhas gerais que nos conduzirão a desenvolver ações de interesse comum, em proveito dos antigos Combatentes de ambos os países. A visita a Angola do Presidente da Liga dos Combatentes na comitiva da senhora SEADN permitiu estabelecer contactos que até aqui não haviam sido possíveis.

Gostaria ainda de salientar, os esforços de vários Núcleos na recuperação de talhões e criação de ossários bem como a reabilitação da Cripta do Alto de S. João pelo Núcleo de Lisboa, lugar que hoje desfruta de uma dignidade que deve ser assinalada, conhecida e reconhecida pelo país e pelos combatentes e famílias e todos os nossos membros.

Finalmente, no âmbito deste programa, foi acionada a transladação de um soldado anónimo caído por Portugal na Guerra do Ultramar, a fim de ser deposto no Memorial do Combatente a inaugurar hoje, neste dia de evocação dos mais recentes e significativos momentos de paz.

No âmbito do Programa inovação e modernização, saliento que continuamos a viver um movimento profundo de reconhecimento da ação da Liga dos Combatentes o que tem levado a sucessivas manifestações para a criação de novos núcleos, (mais 6 desde novembro de 2014), maior número de novos sócios (mais 2600 desde Novembro de 2014), novas e mais dignas sedes de núcleos, mais e significativos monumentos em homenagem aos combatentes do ultramar por esse Portugal profundo. Enfim, é de realçar um trabalho permanente pela generalidade dos núcleos da liga e dos seus voluntários dirigentes. Hoje, muitos deles rejuvenescidos com a dedicação e trabalho de combatentes das operações de paz e humanitárias, dando-nos a garantia de que o Programa Passagem do Testemunho está em curso, com êxito.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Remando contra a maré, com crer, querer e determinação na procura do cumprimento dos seus objetivos, a Liga dos Combatentes vive momentos positivos que a sua história registará.

Somos uma instituição moderna, viva, formada por combatentes, militares, famílias e população diversificada e determinada que acreditam em si próprios e nos seus valores, mas que como qualquer organização viva, necessita de ser alimentada incentivada e apoiada.

Os resultados memoráveis que vêm sendo alcançados, resultam não só dos apoios que conseguimos para o cumprimento da nossa missão, mas de trabalho e esforço hercúleo de sócios, combatentes e dirigentes para aqui chegarmos. Temos porém a noção perfeita das situações de miséria social existentes; de graves problemas de saúde não apoiados, de verdadeiros casos de deficiência social, deficiência física e mental; da continuação de um complemento de pensão que

envergonha quem recebe tal esmola; da indiferença da maioria das empresas e instituições a quem recorreremos e nos fecham as portas; o que conjugado com consecutivas situações administrativas que se nos deparam e consomem, como a ameaça da aplicação do princípio da onerosidade in cumprível, da taxa municipal de proteção civil deficientemente aplicada, ou do não cumprimento do estatuto da liga ao aplicar se legislação que o contraria, dificultando a prestação de serviço na sua estrutura de militares no ativo ou na efetividade de serviço, transformam o nosso dia-a-dia num combate permanente, em todas as direções, a que não podemos dar tréguas.

Ao contrário de alguns este é o tipo de problemas que nos preocupam. Não é o problema dos Estatutos do Combatente ou do Dia do Combatente. Os nossos membros sabem que têm um Estatuto do Combatentes e que há décadas comemoram o Dia do Combatente com a presença das mais altas entidades do Estado. Enfim, quando em momentos como este e outros semelhantes como hoje por esse país fora, sentimos o carinho e a compreensão e nos vemos rodeados de um apoio moral e institucional que nos conforta, regozijamo-nos e sentimos orgulho por pertencermos e trabalharmos numa instituição como é a Liga dos Combatentes. E nos dá coragem para pedirmos que não nos virem as costas quando solicitamos apoio.

Os tempos que correm relativamente ao país, ouvidas intervenções dos seus responsáveis continuam a não ser de molde a justificar um tipo de discurso otimista. A vida, porém, ensinou-nos a acreditar que a seguir a tempestade vem normalmente a bonança e em termos estratégicos essa verdade é uma constante histórica e muitas vezes a solução dos problemas resulta das pessoas e não das circunstâncias.

Façamos, pois, do dia de hoje, um dia de promoção dos valores, de revisão da história passada e recente, sublinhando as razões que nos trazem aqui e que são muito profundas. A procura contínua e a evocação permanente dos valores humanitários e da Paz no mais amplo sentido da palavra.

Neste dia 11 de Novembro de 2015, ao inaugurarmos uma Capela, dando um sentido espiritual a este espaço e ao inaugurarmos um Memorial ao Soldado de Portugal caído na guerra do ultramar, ampliando o sentimento profundo das lápides que nos rodeiam, estamos dando a este espaço, um sentido histórico perene, onde a água, símbolo puro do nascimento e da natureza, a morte e o transcendente, se confundem e apresentam, aos vindouros, uma orientação séria quanto aos sacrifícios a ultrapassar e os caminhos a percorrer, para garantir Portugal.

Vivam os combatentes
Viva Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general